



Lastros desdogmatizantes em *Xitala Mati*, de Aldino Muianga*

Dedogmatizing ballasts in *Xitala Mati*, by Aldino Muianga

Juma Manuel¹
Inara de Oliveira Rodrigues²

Resumo: O presente estudo investiga os subterfúgios contracoloniais presentes em *Xitala Mati* (1987), do escritor moçambicano Aldino Muianga. Para o aprofundamento da análise, servimo-nos, fundamentalmente, das contribuições teóricas de Walter Mignolo (2017); Francisco Pereira e Emílio Fernandes Junior (2018); Alexandre de Oliveira Fernandes (2019) e Luiz Rufino (2021). Diante desse aparato teórico e lidos os contos constitutivos da obra, compreendemos que a referida coletânea apresenta narrativas que engendram resistência e fortalecimento de saberes outros ao arquitetarem rasuras ao paradigma da colonialidade. Com efeito, concluímos que, por meio da construção de enredo identificada com a cosmovisão africana, a efabulação busca retirar do apagamento vozes e conhecimentos extenuados pelos conceitos eurocêntricos que se arrogam superiores.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Escrita dissidente. Rasura epistêmica. Moçambicanidade.

Abstract: The current study examines the countercolonial strategies found in Mozambican author Aldino Muianga's (1987) novel *Xitala Mati*. Theoretical contributions by Walter Mignolo (2017), Francisco Pereira and Emílio Fernandes Junior (2018), Alexandre de Oliveira Fernandes (2019), and Luiz Rufino (2021) were extensively utilised to enhance the study. After reading the collection of short tales that make up the work and considering this theoretical framework, we can see that the stories in the collection offer resistance and reinforce different forms of knowledge by creating erasures to the colonial paradigm. In essence, we draw the conclusion that the confabulation aims to erase voices and information exhausted by Eurocentric conceptions that assert to be superior by creating a storyline associated with the African worldview.

Keywords: Ancestral knowledge. Dissident writing. Epistemic erasure. Mozambicanity.

¹ Professor de Literatura na Universidade Púnguè, Moçambique. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL/UESC/Bahia-Brasil). Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista CAPES, 2022/2026. E-mail: jumamanuel07@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8453-6520>.

² Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/Bahia). Doutora em Letras (PUC-RS); docente permanente do PPGL Linguagens e Representações da UESC. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas*, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: iorodrigues@uesc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-7374>.

* Artigo recebido em 27 de junho de 2024. Aceito para publicação em 02 de agosto de 2024.

Introdução

Na obra *Xitala Mati*, de Aldino Muianga (1987), há um compromisso do qual se demarca, por um lado, uma dimensão cultural ao qual se associa a necessidade de resgate dos valores tradicionais expressos pela ancestralidade; e, por outro, uma escarpelização ao legado colonial, em decorrência do seu ideário atrelado ao apagamento dos valores autóctones africanos. Assim, “[...] porque há algum tempo vem sendo discutido o conhecimento numa perspectiva universalista, o que não dá conta da diversidade de experiências e de saberes existentes no planeta” (Rufino, 2021, p. 20); este estudo se propõe a contribuir com uma análise que esteja na contramão dessa visão hegemônica, alargando, com efeito, a geografia dos saberes e procurando contemplar, sob o viés dissidente, uma multiplicidade de conhecimentos invisibilizados e subalternizados pela racionalidade moderna ocidental.

Se “[...] olhar o mundo, exclusivamente, pelas narrativas do outro pode se tornar problemático, já que o nosso *corpo-território* recai na leitura embaçada e colonial sobre os elementos que compõem as suas espacialidades, em que muito se perde, detalhes são minimizados, particularidades são homogeneizadas” (Miranda, 2020, p. 27 – destaque do autor), neste trabalho, por meio da análise de elementos que corporificam a moçambicanidade, buscamos retirar do esquecimento saberes e práticas violentadas pelos conceitos eurocêntricos que se arrogam universais. Dessa forma, o nosso objetivo primordial consiste no reconhecimento da pluriversidade de epistemologias, atendendo ao giro enunciativo apontado por Luiz Rufino, em que o negro deve assumir a sua linguagem; contanto que “Assumir a sua linguagem é se relacionar com esferas da existência, da sensibilidade no mundo e com o conhecimento” (Rufino, 2021, p. 22).

Mecanismos de resistência e de fortalecimento pluri-epistêmico em *Xitala Mati*

Antes de nos atermos especificamente à análise do livro em pauta, trazemos, de modo breve, a apresentação do perfil bio-bibliográfico do seu autor. Aldino Muianga, nascido a 1 de maio de 1950, em Lourenço Marques (Maputo), é um escritor e médico moçambicano. Publicou, entre outras obras, *Xitala Mati* (1987); *A noiva de Kebera* (1999); *A Rosa Xintimana* (2001); *O domador de burros* (2003); *Meledina ou história de uma prostituta* (2004); *Contos rústicos* (2007); *Nghamula, o homem do tchova ou o eclipse de um cidadão* (2012) e *Asas quebradas* (2017). No Brasil, pela Editora Kapulana, reeditou e publicou *O domador de burros e outros contos* (2015); *A noiva de Kebera* (2016) e *Asas Quebradas* (2019) (Kapulana, 2022).

Nessa obra em estudo, Muianga apresenta histórias conectadas às suas próprias vivências no bairro suburbano onde passou a infância, Munhuana. Ora, como o respectivo título acena, o livro simboliza uma geografia atravessada por

idiosincrasias sociais e por conflitos próprios da topografia periférica, que são, nesse sentido, caóticos e inspiradores de resiliência humana. Na essência, as contingências histórico-culturais emanadas no referido livro indicam para uma representação da ancestralidade enquanto desígnio de afirmação identitária.

Diante do exposto, configurando-se como uma estratégia criativa para resistir à dominação epistêmica, a ancestralidade presente em *Xitala Mati*, na verdade, busca dismantelar o eurocentrismo, defendendo símbolos e modos de vida locais, projetando-se, dessa feita, como um potente espaço de insurgência. Ademais,

A ancestralidade é, por isso, também uma encruzilhada afroreferenciada: que mantém o nosso pensamento, a nossa identidade, as nossas convivências, a nossa alteridade e o nosso encantamento sobre *o outro* sem mais nenhum tipo de alienação, de modo plenamente consciente - a respeito das memórias, dos lugares e dos sentidos próprios de subjetividades preponderantemente africanas [...] (Pereira; Fernandes, 2018, p. 601 – destaque dos autores).

À vista disso, o modo consciente a respeito das memórias africanas sobressai na obra em estudo como uma estratégia mais pronunciada de edificação da matriz simbólica da moçambicanidade, porquanto “Na sua forma de ver e encarar o mundo, a prosa revela ser uma expressão mais ajustada que permite embarcar para um mundo de imaginação para elaborar e desvendar os mistérios da realidade moçambicana” (Mapera, 2013, 31). A tendência de resistência e de ruptura daí decorrente consubstancia, por assim dizer, uma espécie de desmistificação da hegemonia do pensamento ocidental. Com efeito, a partir dessa contextualização, é-nos possível inferir que *Xitala Mati*, de Aldino Muianga, pela trama e pelos conflitos que apresenta, inscreve, em linhas potencialmente específicas, as memórias ancestrais identificadas com a cosmologia rural moçambicana. Assim, enquanto espaço de subversão, essa obra literária inventa uma insurgência epistêmica que dá rasteira à lógica de poder e de saber eurocêntrica. Aliás, essa narrativa aldiniana surge, por assim dizer, como um processo de afirmação de formas diversificadas de existência individual e coletiva.

Desse modo, vemos desenhar-se, na profundidade das suas histórias e das suas personagens, uma denúncia do falso universalismo, recuperando valores e práticas locais que o sistema colonial ocultou e descredibilizou. Para esse efeito, como temos vindo a pontuar, a memória cultural vai servir de vital veio condutor e de alicerce sobre a qual vão repousar as encruzilhadas da ancestralidade; conforme avança Alberto Mathe nos seguintes termos:

Na literatura moçambicana há um diálogo constante com um passado marcado por indícios de violência, funcionando esta como uma ponte entre o passado pré-colonial caracterizado pela harmonia com a natureza e respeito

pelas tradições, passando pelo passado colonial marcado pela violência simbólica, cultural, económica e física [...] (Mathe, 2016, p. 13).

Prosseguindo, Alberto Mathe vai acrescentar que “[...] independentemente do tipo de trauma ou nostalgia que o passado possa provocar, é certo que a literatura vai-se construindo a partir desta articulação com o passado, conservando hábitos e práticas vivenciais que marcaram um povo” (Mathe, 2016, p. 13); tanto que “É neste grupo de escritores que se destacam os autores que fundam um conto enraizado nas tradições africanas, como forma de reivindicar uma identidade cultural moçambicana” (Mathe, 2016, p. 14).

Esta prática de escrita constitui o ângulo da nossa análise pelo fato da identidade coletiva africana estar “atrelada à diversidade cultural, sob o prisma da etnicidade” (Oliveira; Bersani, 2021, p. 101); pelo que, a partir desse entendimento, as constelações descritivas constantes no livro em estudo revelam a manifestação da moçambicanidade; sendo que isso emerge dos elementos apresentados em *Xitala Mati*, onde radicam valores e saberes do universo ancestral do vasto território moçambicano. Ora, centrando-se em discutir o peso discriminatório do legado colonial, nesse processo de afirmação da identidade, a narrativa em questão convoca indisfarçáveis elementos ancorados no culto da ancestralidade, porquanto

[...] essa ancestralidade também nos confere as necessárias percepções ontológicas - para as éticas de *quem propriamente somos* - por intermédio da recepção dos nossos ancestrais, por meio de seus conhecimentos e experiências de sabedoria que são repassados às gerações mais novas (Pereira; Fernandes, 2018, p. 601 - destaque dos autores).

Nessa linha de raciocínio, a contística aldiniana vai estrangular a sabedoria hegemônica que

Tem invariavelmente trazido e imantado visões e produções de mundo centradas no elitismo, no individualismo, na segregação do diverso e na dominação moral da escrita, do controle, dos dispositivos, dos censos e dos expedientes de enunciação e autenticação de saberes, disciplinas e práticas de produções excludentes - constantes nos argumentos de autoridade, nas reservas e nos monopólios de forças, na soberania de incontrastáveis poderes, bem como, conseqüentemente, no estabelecimento de relações sociais que historicamente excluem o *outro* em identidades, disciplinas, outorgas e autorizações (Pereira; Fernandes, 2018, p. 598 - destaque dos autores).

Há, assim dito, um sentimento de contra-conduta criativa que permeia a textualidade; a ponto das ações e das personagens serem descritas com intenção clara de exaltação de uma identidade que desafia a estética racional cartesiana:

No interior da cabana o ar é de mistério, quase de encantamento. Estão presentes as figuras mais destacadas do grande clã.

– Estou satisfeito de vir morrer em minha casa. [...]

O corpo magro envolve-se dos panos brancos das sagradas cerimônias de invocação aos antepassados. Fala um pouco inclinado para o fogo brando que crepita no centro do círculo de convidados (Muianga, 2013, p. 16).

Conforme se depreende, essa construção de enredo identificada com a cosmovisão africana, discernível nos segmentos textuais “ar de mistério” e “sagradas cerimônias de invocação aos antepassados”, distancia-se, por assim dizer, da invisibilização imposta pela matriz cêntrica ocidental, contanto que a importância dessa fabulação é justamente “a de tentar buscar as referências ancestrais da diversidade e da complexidade desses saberes e práticas, sufragados e subjugados pela colonialidade e dominação ocidentais” (Pereira; Fernandes, 2018, p. 598).

Com essa diligência, compreendemos que a escrita aldiniana enxerga e valoriza a pluralidade epistêmica, servindo, com efeito, como uma ferramenta de insubordinação, já que, a partir da lógica diegética, inferimos uma inscrição para além da subalternidade delimitada pela cultura hegemônica. À vista disso, conforme o autor ressalta na entrevista cedida a Maiane Tigre:

As temáticas sobre as periferias, assim designadas para inferir rural e subúrbios, são dominantes na minha escrita por razões que têm a ver com a afirmação identitária de grupos sociais marginalizados. Ninguém fala do camponês ou do suburbano como indivíduo com carácter e dignidade. Procuo identificar os valores desse indivíduo e colocá-lo na tribuna de um cidadão, que possui uma história, que detém valores das suas tradições e tem uma cultura que não é inferior a nenhuma outra (Muianga, 2023).

Analisadas essas colocações de Aldino Muianga, podemos afirmar que a identidade moçambicana sobressai, de forma marcada, por meio da rebusca e da reafirmação de valores culturais locais aos quais o escritor se procura manifestamente ajustar. Como vemos, portanto, esse exercício de afirmação identitária decorre de uma experiência agonística protagonizada pela investida colonial, defensora de um falacioso pensamento científico-filosófico da modernidade, que, na sua essência, é “[...] notoriamente baseado, pois, em formas, enunciados e produções efetivas de racismo, exceção, violação e dominação” (Pereira; Fernandes, 2018, p. 599).

Enraizado na tradição e simbolizando o poder ancestral, a personagem Mussassane, do conto “O filho de Mussassa”, por exemplo, representa, a nosso ver, o respeito pelo herói ancestral, construindo um cenário disruptivo ao apreço pela história colonial:

Mussassane escolhera a sombra do velho cajueiro que se empertigava nas traseiras da palhota que fora de seu pai, para aí repousar, no seu sono eterno. [...] Quatro parentes íntimos afadigam-se no retirar dos últimos torrões de terra do fundo do buraco. É necessária perfeição no trabalho, a condição o morto assim o requer (Muianga, 2013, p. 17).

Por conseguinte, a referência ao ambiente rural, lugar onde tudo começa e tudo termina, incluindo a própria vida da personagem, desafia a geografia da racionalidade ocidental, conquanto, no caso aqui explorado, o campo

é um espaço que se institui como um repositório de valores e vivências que legitima a condição primeira e derradeira dos seres que representa, isto é, inconsciente coletivo de uma identidade ancorada, em última instância, na ruralidade (Noa, 2006, p. 194).

E mais, na esteira do postulado segundo o qual “É justamente a dialética ancestral da continuidade, com ênfase nos contrastes, que deve permear o forjar do *corpo-território* de qualquer ser humano” (Miranda, 2020, p. 29); o retorno de Mussassane à Mpissane, sua terra natal e de “nobres tradições” (Muianga, 2013, p. 14), tem, aqui, uma interpretação primorosa por convocar imagens que permitem o reencontro com um espaço intra-uterino, em clara manifestação de uma consciência anti-alienada, pois, pelas sugestões textuais, o tempo é circular e permite voltar ao lugar de onde se partiu. Nessa lógica, lemos passagens textuais como estas:

Mussassane, orgulho de Mpissane, emigrara jovem para o Rand nos tempos conturbados de *chibalo*. De lá gatafunhou uns lacónicos rascunhos a convidar os irmãos a seguirem-lhe o exemplo. E todos foram à aventura. Muitos anos mais tarde desceu à terra natal. [...] Daquela vez chegara a Mpissane às portas da morte (Muianga, 2013, p. 14 – destaque do autor).

O conto em apreço narra a história de Mussassane, filho de Mussassa, que morreu vítima de tuberculose. Mussassane pertencia a uma das famílias abastadas e de respeitáveis tradições de sua aldeia, Mpissane. O protagonista da narrativa, Mussassane, viajou para trabalhar nas minas de Johannesburgo, na África do Sul, como mineiro. Após vários anos de contrato, o referido trabalho deixou a sua saúde debilitada. Ora, já com a saúde debilitada, Mussassane decide regressar à terra natal, em resultado de uma consciência de que a sua morte já estava próxima, pelo trabalho duro que desempenhara nas minas:

Aqui e mais adiante, pára e interrompe a caminhada. Apoia-se aos troncos ásperos dos cajueiros. Arfa, tosse com muito ruído e leva a mão ao peito, no gesto instintivo e inútil de acalmar as pontadas. E a vida foge-lhe aos poucos

nas borras vermelho-escuras de saliva que lhe caem junto aos pés. [...] E toda gente ficou a saber: Mussassane voltou do Djone, abastado, mas acabado, pronto a entregar o corpo à terra (Muianga, 2013, p. 15).

Com a morte se aproximando, Mussassane decidiu reunir a família para esmiuçar os seus últimos desejos. Desse modo, Mussassane ordenou que, quando ele morresse, lhe enterrassem com todo o seu dinheiro, que era fruto do trabalho nas minas de Djone. A segunda ordem era que ninguém devesse chorar a sua morte e nem tocar sua campa até as próximas chuvas. Tendo dito todas as ordens, durante a noite, Mussassane morreu e assim foi feito conforme desejou. Entretanto, durante uma noite, um intruso foi até a campa de Mussassane para roubar o tesouro que fora enterrado com o defunto. Porém, este violador não conseguiu roubar o tesouro, porque Mussassane retornou à vida, para defender aquilo que lhe custou anos de trabalhos:

Dizer que o intruso apenas se assustou é tirar mérito ao golpe do falecido. Porque aquele, mal se achando em semelhantes embaraços, procura desvenilhar os dedos da improvisada tenaz. Os dentes do defunto parecem ganhar novas energias e cerram-se com outra raiva e mais perto. E ambos arrastavam-se ao redor da cova, num passo de dança macabra, removendo areias e arrancando o capim e as pedras no chão. Tem lugar, assim, na noite negra de Betsene, o mais badalado caso dos últimos tempos. É este Mussassane, filho de Mussassa, que, segundo o povo, esquecido dos rigores da morte, retornou à vida para, de dente arreganhado, vender caro o pé-de-meia que lhe custara trabalhos e a vida (Muianga, 2013, p. 19).

A aventura de Mussassane destacada em “O filho de Mussassa”, também pode ser lida no conto “O caso Muzila”, a partir das seguintes palavras do narrador: “Muzila era ainda moço, de arcaboço largo, brigão e folgazão – dons adquiridos nas planícies do pastoreio – quando abandonou Mongwe, sua aldeia natal, em busca de aventura e melhor fortuna” (Muianga, 2013, p. 30).

Demonstrando uma posição anti-evasionista, tanto o conto “O filho de Mussassa” quanto o texto “O caso Muzila” revelam situações imagéticas que fazem vincar, nostalgicamente, a consciência de uma perda decorrente da deslocação dos protagonistas à terra distante, em que por conta do interesse em angariar riquezas, embrenham-se em espaço e serviço corruptores, física e espiritualmente, dado que, aqui, as pessoas se encontram numa coabitação destrutiva: “O corpo de Mussassane, metido num fato de macaco de ganga coçado e largo, contorce-se num bailado singular” (Muianga, 2013, p. 15) e “Deixou para trás o sossego e o calor da cabana onde nascera, plantada nas sombras dos matos e sua mãe que bem tentou demovê-lo, mas em vão; sua sina estava traçada” (Muianga, 2013, p. 30). Nessa toada, outro

exemplo encontramos-lo nos depoimentos do protagonista, em que descreve a terra do Rand nos seguintes termos: “terra de bandidos [...], onde o vinho e o sangue se confundem, onde a vida e a morte se irmanam” (Muianga, 2013, p. 31).

Em contraponto, conforme vincado, a terra natal aparece como espaço superprotetor, daí a atração das personagens para o seu regresso. Dessa forma, trata-se, pois, de um regresso do sujeito a um espaço primordial, bem como se trata de uma fabulação sugestiva, conforme dissemos anteriormente, de uma consciência desalienada, dado que a personagem persegue a sua própria proveniência, retrazando um percurso assumidamente de pertença às origens, no caso o campo. Vejamos os fatos condizentes plasmados no conto “O caso Muzila”:

O regresso ocasional de um filho da aldeia das distantes minas do Rand celebra-se com lautas comezainas, regadas orgias e sonoríssimas batucadas. [...] Muzila regressou incógnito num fim de tarde de estio [...]. Recorda tão bem, como se fora ontem, aquela hora distante em que abalara, voltando as costas à paz da terra que o vira nascer, galgara montes, embrenhara-se na solidão dos matos, conhecera e enfrentara perigos inenarráveis (Muianga, 2013, p. 31).

Tal como acontece nesse conto, em jeito de “manifestação de apreço e regozijo pelo regresso de quem muito fizera pelas terras de Mpissane” (Muianga, 2013, p. 15), um movimento solidário característico desses espaços marcados pela memória coletiva também ganha lugar em “O filho de Mussassa”, contanto que

Dos mais distantes lugares chegaram esquecidos amigos e parentes para a saudação regulamentar. Todos vêm carregados. Que imperdoável sacrilégio é vir de mãos a abanar! É a galinha estimada e quase de veneração; os cabritos não faltaram com o seu balido estrangulado, adivinhando o fim próximo; e as aguardentes? Oh, essas saíram do silêncio dos improvisados túmulos nos centros das palhotas e viram a luz do dia; e mais, e mais, e mais oferendas (Muianga, 2013, p. 15).

Um pormenor bastante significativo e que desestabiliza a hierarquia da ciência moderna sobre a tradição é-nos possível apreender quando

Nas distantes terras do Rand, Mussassane, para ganhar ascendência entre os companheiros do componde, gozar das preferências dos capatazes e angariar as riquezas acumuladas na terra natal, recorrera a irreveláveis tratamentos e fora exorcismado nas afamadas florestas dos arredores de Khebanville (Muianga, 2013, p. 16).

Nessa direção, “Ainda que fortemente reprimidas por uma perspectiva cêntrica ocidental que não compreendia o culto tradicional e o poder das entidades [...]” (Fernandes, 2019, p. 21); as práticas culturais africanas tratam de desmontar

a teia excludente orquestrada pela episteme analítica ocidental. Assim, os valores tradicionais e os ritos constantes do livro em análise demandam um mecanismo de resistência e fortalecimento de outros modos de conhecimento.

Por outro lado, lendo um outro conto do livro intitulado “Jhá-Ghá”, percebemos articulações do enredo que fomentam, parafraseando Souza; Santos (2023, p. 46), a descolonização do imaginário e desatrelam as margens enquanto lugares de cultura. Nesse texto, a voz narrativa coloca “o corpo feminino como figuração de uma alteridade radical através da qual os leitores terão acesso à origem da história” (Schmidt, 2020, p. 123). Dessa feita, desde o início da fabulação, observamos a presença de diversos elementos que, de imediato, nos remetem ao campo da ancestralidade; tais são os casos, a título ilustrativo, de referência ao sobrenatural e à superstição popular que povoam o espaço ermo identificado como uma ilha que “nasceu do ventre do mar. Alimenta-se de algas, dos desperdícios dos continentes e peixes mortos, cuspidos pela boca do mar” (Muianga, 2013, p. 57).

O conto “Jhá-Ghá” narra, a partir de uma historieta de amor entre um homem branco e Okwini, a rainha de Jhá-Ghá; a representação dos efeitos da miscigenação na encruzilhada das questões de gênero, de raça e de poder. Por conseguinte, a importância simbólica da narrativa tem que ver com o ato de resistência e insubordinação de Okwini ao homem branco, a ponto de o entontecer a cabeça e “Na penumbra da cabana, o capitão segreda coisas ao ouvido de Okwini” (Muianga, 2013, p. 59).

O desfecho da narrativa é, apesar de trágico, contundente e bastante significativo, porquanto o epílogo se circunscreve a “[...] lugar de retorno ao feminino, paradigma de uma cultura originária, historicamente ultrajada pela violência da conquista e da colonização” (Schmidt, 2020, p. 126). No entanto, ao assim proceder, o conto em análise traz à ribalta um ideário sufocado pelas entranhas das estruturas autoritárias patriarcais, uma forma de colonialidade. Nessa linha, enquanto narrativa de ideologia subversiva, o conto “Jhá-Ghá” apresenta “[...] resistência ao contrato social patriarcal estabelecido pelos processos de um estado colonial, com seu modo escravocrata de produção e de exploração econômica dos autóctones” (Schmidt, 2020, p. 126).

Nessa lógica, ao sair da zona do não-ser e rasurar a ordem hegemônica da colonialidade, Okwini e a sua corte rompem com a ficção dominante. Consequentemente, elas conquistam lugar e visibilidade não apenas na diegese, mas, sobretudo, na transfiguração social como sujeitas da trama, pois os homens “Não metem medo. Medo? É coisa que as mulheres de Jhá-Ghá já não sentem” (Muianga, 2013, p. 58). Dessa forma, a construção frásica “as mulheres de Jhá-Ghá já não sentem medo” tem, decerto, uma função-chave no tecido constitutivo da insurgência feminina e potencializa a perspectiva emancipadora da decolonialidade.

Pela lógica diegética, vemos, com base no que temos explorado até aqui, um aspecto a considerar na cena dissensual em análise, o da fabulação enquanto uma espécie de desmonte das teias patriarcais que legitimam as hierarquias de gênero. Nisso, a narrativa “Jhá-Ghá” vai

Instaurar novos lugares de enunciação. Desmistificar a ideia de que a realidade, uma vez dada, é unívoca e insuperável. Em sua insurgência, o ‘momento qualquer’ promove o devaneio fabulador que permite ao subalterno, ao ‘qualquer um’, entrar em cena, aparecer, dizer e acontecer. [...] Induz a reconstrução das subjetividades. Afronta a ficção dominante (Souza; Santos, 2023, p. 59).

Com efeito, conforme vemos, o desenlace diegético é muito mais poderoso do que as considerações machistas do poder ideológico colonial, contanto que Okwini é uma mulher livre, porque, abandonando um lugar de extenuação, ela luta com a finalidade de transgredir essa colocação do eu feminino como abjeto e, por assim dizer, pratica a vida por linhas desobedientes, indo, por consequência, para além do pensamento hegemônico e normatizado que estabelece classificação hierarquizada de gênero e dos diversos modos de vida na sociedade.

Considerações finais

Com o desenvolvimento da análise, compreendemos que estamos perante uma obra literária que aponta para uma rasura epistêmica, sovando “Pensamentos arrogantes e reducionistas, parciais e duvidosos, espelhados na suposta supremacia do conhecimento científico europeu [...]” (Fernandes, 2019, p. 19) e proponente de uma cartografia ampliada de valores humanísticos.

Dessa feita, portanto, julgamos, a partir desta investida científica, ter aflorado, sob o viés de “uma postura metodológica indisciplinada” (Mombaça, 2016, p. 344), as linhas definidoras da desdogmatização do cânone hegemônico, quanto mais não fosse esse, afinal, o alcance desta empreitada. Isso porque a obra em questão, enquanto criação artístico-literária de resistência, sugere uma insurgência epistêmica e ressurgimento de “vozes por tanto tempo silenciadas, memórias desde longa data sufocadas, cosmovisões e formas de convivência ao longo dos séculos reprimidas [...]” (Pinto; Mignolo, 2015, p. 13).

Enfim, recusando uma epistemologia cerceada pelas concepções hegemônicas, de forma crítica, a obra literária *Xitala Mati* busca uma rasura do legado excludente ditado pelo mundo eurocêntrico, objetivando, assim, a configuração de uma nova ordem simbólica, aberta a outras possibilidades de ser humano e que não expurga a diversidade e a diferença. Desse modo, compreendemos que o discurso literário não desempenha um simples papel de relatar a história, mas pro-

blematiza e denuncia situações perversas que marcam o cotidiano da vida. Assim, ao denunciar as situações de injustiça epistêmica eurocentrada, Aldino Muianga arroga-se ao protagonismo de mudar o curso de uma produção estético-literária marcada por articulações de identidades ancoradas na lógica colonial.

Referências

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Em torno de uma epistemologia preta. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 9, nº 4, p. 17-36, Out/Dez 2019.

MATHE, Alberto José. **A espiritualidade no conto moçambicano**: da escatologia ao “realismo tradicional” africano. 121 f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Universidade de Aveiro, 2016.

MAPERA, Martins. **Realismo e Lirismo em Terra Sonâmbula, de Mia Couto, e Chuva Braba, de Manuel Lopes**. 334 f. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Culturais) – Departamento de Línguas e Cultura, Universidade de Aveiro, Portugal, 2013.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Para inventar o corpo-território. *In*: **Corpo-território e educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-35.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Concinnitas**, v. 01, n. 28, p. 341-354, Set. de 2016.

MUIANGA, Aldino. Aldino Muianga: O escritor das gentes entre a tradição e a subversão ficcional. [Entrevista cedida a] Maiane Tigre, **Diário de uma Qawwi**: resenhas literárias & histórias em ficção especulativa. Maputo, fev. 2023. Disponível em: <https://diariodeqawwi.com/2023/01/24/aldino-muianga-o-escritor-das-gentes-entre-a-tradicao-e-a-subversao-ficcional>. Acesso em: 20 de jun. 2023.

MUIANGA, Aldino. **Xitala Mati**. 3. edição. Maputo: Alcance Editores, 2013.

NOA, Francisco. Do subúrbio colonial ao subúrbio global: a encruzilhada de imaginários em José Craveirinha, Aldino Muianga e João Salva-Rey. **Literaturas Africanas**, v. 1, p. 193-203, 2006.

OLIVEIRA, Adilson Vagner; BERSANI, Ana Cássia. A diversidade cultural e o conflito étnico na África: um estudo sobre “A flecha de Deus” de Chinua Achebe. **Dados de África(s)**, v. 02, nº. 04, p. 100-112, 2021.

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo; FERNANDES, Emílio. As encruzilhadas da ancestralidade em Exu e a abertura de possibilidades a uma filosofia africana e afro-brasileira. *In*: SOUZA, Elio Ferreira de, *et al.* (Org.). **História e cultura afrodescendente**. Teresina: FUES-PI, 2018. p. 592-613.

PINTO, Júlio Roberto; MIGNOLO, Walter. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas**, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015.

RUFINO, Luiz. Epistemologia na encruzilhada: política do conhecimento por Exu. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 2, n. 4, p. 19-30, 14 dez. 2021.

SCHMIDT, Rita Therezinha. Reconfigurando o passado: a violência na e da literatura. *In*: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. **Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas**. Uberlândia (MG): O sexo da palavra, 2020, v. 1, p. 111-130.

SOUZA, Irisvaldo Laurindo de; SANTOS, Daiana Nascimento dos. Existências e resistências em Água, uma novela rural do escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho. **Revista Transmodernidade**, p. 45-64, 2023.